

Breves Comentários Sobre a Construção da Identidade Gaúcha

Thiago Espindula

O movimento de formação do regionalismo nasce de uma constante relação entre o centro e a periferia, o que é o Estado e o que é cultural e próprio, o que é alternativo e o que é dominante (a centralização-descentralização), a comparação entre o que é o geral e o que é particular (o igual e o diferente sendo espacializados). Mais ou menos pela década de 1920, vê-se São Paulo como o centro cultural nacional (os intelectuais europeus influenciavam os pensadores do centro do país com suas ideias modernistas, e esses pensadores queriam ser a vanguarda intelectual brasileira), e o movimento literário chamava para si a condição de brasileirismo, como se os paulistas fossem a origem do Estado Nacional Brasileiro, o símbolo mor de uma nação moderna, a marca nacional, o ponto geográfico referência. Em protesto a isso surgiram movimentos como o Manifesto Regionalista do Nordeste (1926), que se colocou contra essa visão de um tipo cultural representando todo um Estado-Nação, essa é a presença de um conflito marcado pela base territorial (centro-periferia, que geograficamente falando era sudeste-nordeste).

Duas esferas escalares se constituem: a nacional e a regional. A nacional tem como projeto o Estado-Nação, e tem um cunho fortemente político, de unificação. A regional tem como base as diferentes apropriações dos espaços, a cultura é a matriz, é a forma como os povos se relacionam com seu ambiente. A visão nacional emanava do centro do país, sobretudo de São Paulo e Rio de Janeiro, com uma visão modernista, que via no progresso econômico e no desenvolvimento urbano, o caminho (o novo), enquanto a visão regional defendia o tradicional, o culturalmente construído ao longo da história (o antigo). O regionalismo, portanto, passou a integrar um entrave à unificação da nação e à formação de um mercado interno coeso, esse era uma barreira cultural a ser vencida pelo poder político, uma delimitação entre limites culturais e políticos, fronteiras que, para os políticos do centro do país, deveriam coincidir, ou seja, a

cultura nacional é uma, a paixão pelo país é maior que outro vínculo qualquer (o nacionalismo foi uma marca registrada na América Latina no período da década de 1930, e o Brasil não fugiu à regra). Porém, a formação de uma identidade nacional deveria passar por um choque com movimentos de forte identidade regional (não seria possível, simplesmente, apagar culturas, a questão seria escolher uma cara homogênea ao país), citam-se muitos movimentos, como as características culturais e as vantagens de ser mineiro (como a simplicidade e a seriedade), de se ser nordestino (o empenho e a luta) ou de ser bandeirante (a fibra de desbravador); mas essas são questões que não podem ser explicitadas a fundo, com o risco de se prolongar uma resenha que se pauta na formação da identidade do gaúcho (entremos nela, de uma vez, então).

Movimentos, como o Partenon Literário, discutiam a questão da modernidade e da tradição em coexistência, buscando saídas para esse momento de conflito regional-nacional. Os gaúchos tinham influência positivista na política, o que irritava a vanguarda intelectual do centro do país, que apregoava a alcunha de ditadura, a esse movimento comtiano. A construção da identidade regional está vinculada ao espaço, pois, captando elementos do meio de vivência e peculiaridades de cada cotidiano se vai montando uma máscara cultural própria. O gaúcho, e sua constante relação com a fronteira (uma construção de identidade ao longo de uma história de disputas fronteiriças e demarcação de latifúndios), a defesa do território agrupa elementos para formar um caractere cultural importante do povo do Rio Grande do Sul (a alma guerreira); somando-se a isso surge a imagem do gaúcho como pertencente a uma sociedade pastoril, que tem suas atividades desenvolvidas no campo, que apresenta longínquos horizontes. Um horizonte a se perder de vista configura a ampla visão do morador do pampa gaúcho. É esse gaúcho (figura que, a princípio, é tida como a de um malandro ladrão de gado e que, com a instalação e confirmação da atividade pastoril, se transforma no trabalhador da estância e combatente na época das guerras) que será a marca regional, o indivíduo que trabalha defendendo seu gado dos ladrões e seu território das invasões castelhanas. A defesa do território revela-se como uma vontade de pertencer ao país, uma identidade regional e nacional simultânea, porém, com um exclusivismo que prefere os trajes típicos, o chapéu,

o cavalo, as expressões “acastelhanadas” misturadas ao português e uma vida rústica, ao modo de vida do centro do país. Existe uma coexistência que deve ser mantida, uma identidade regional (o gaúcho), de cunho cultural e coesão territorial, e uma união ao todo nacional, em sentido político-econômico, para não se desagregar do mercado interno, perdendo os vínculos com a economia nacional, transformando a vida no Rio Grande do Sul em prática insustentável (sentido pragmático de sobrevivência econômica).

A literatura gaúcha retrata essa história de construção e queda dos mitos, desde Simões Lopes Neto, com seus Contos Gauchescos (e a explicitação dos mitos do Rio Grande do Sul), passando por Cyro Martins, com a Trilogia do Gaúcho a Pé (e a falência dessa sociedade pastoril e seus mitos), até chegar à trilogia O Tempo e o Vento, de Érico Veríssimo (200 anos da história gaúcha), que trabalha questões desde as missões, transitando pela imagem do gaúcho Capitão Rodrigo, e desaguando nos últimos debates políticos dos núcleos positivistas políticos.

Os migrantes alemães e italianos que chegam no final do século XIX e início do XX promovem um choque de culturas, o tradicional da metade sul e o migrante da metade norte tem diferenças de costumes bastante latentes (como o tipo de propriedade, a língua, a alimentação etc). Depois de certo tempo de migração e estabelecimento de culturas de outros países no Rio Grande do Sul, inicia-se uma campanha de promoção à cultura tradicional gaúcha através espaços de tradicionalismo, os CTGs (Centros Tradicionalistas Gaúchos) surgem como a principal expressão do gauchismo, que busca reafirmar a tradição do velho mito gauchesco, e espalha-se, em grande número, pelo norte do estado, levando esse movimento aos migrantes e seus descendentes.

A presença de CTGs no norte do estado, longe de suas origens e das pessoas que praticam o tradicionalismo, e mesmo a manutenção do gauchismo (das músicas, do mate, do churrasco, da comemoração do 20 de setembro) nos dias atuais dentro de centro urbanos, prova que a cultura foi passada de geração para geração, e se mantém esse culto simbólico e as práticas que nos trazem a sensação de pertencimento (fácil identificar o gaúcho em outro estado, pode-se reconhecer pela cuia na beira da praia). A mídia vale-se disso, não apenas com

rádios com músicas tradicionalistas, como slogans de canais de TV e produtos com a menção ao gauchismo, existe todo um aproveitamento de uma vertente tradicionalista, que percorre a mente do gaúcho como o povo separado do restante do país, e do qual as empresas e mídias tem se aproveitado para jogar com a questão simbólica para maximizar suas vendas.